

HA UMA FESTA CHAMADA MORTE

(Original em 3 atos de Erico Cramer)

1º A T O

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA . FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO .

Narrador - Houve uma verdadeira ^{surpreza} ~~surpresa~~ entre os moradores de "Estância da Palha" quando uma certa manhã apareceram, espalhados pelo local, impressos com o seguinte convite:

Voz - (lendo) Tobias Gomes da Cruz tem o grato prazer de convidar seus amigos e os demais moradores desta localidade, para irem a saída de sua esposa Dona Marfisa, para a melhor e grandiosa festa entre todas as que mereceu a honra de ser convidada, durante a sua longa e virtuosa existência. O carro, especialmente contratado para buscá-la, partirá do portão principal da chacara de sua residência às 17 horas da tarde de hoje. Confessa-se, desde já, agradecido a todos que aquiescerem a este convite.

Narrador - Os comentários, como era natural, fervilharam desencontrados no meio daquela gente simples do povoado, que olhava, sempre, o Professor Tobias, com respeito e desconfiança. Ninguém atinava com a exata razão daquele convite, até que o oficial do cartorio de registro de nascimentos e óbitos esclareceu a todos que aquilo era um convite para o enterro de Dona Marfisa que falecera naquela madrugada, vitimada por um edema pulmonar, segundo as declarações do próprio professor para o médico que assinara o atestado. Esta revelação, como era natural, causou uma verdadeira revolta entre os moradores de Estância da Palha que, depois de uma reunião dos seus líderes na Botica do velho Quintana, resolveram:

Voz - 1º) Não tomar conhecimento de um convite enviado em termos quasi insultuosos a um dos atos mais sérios e mais dignos do respeito humano;

2º) Não aceitar um atestado de óbito ~~que~~ assinado por um medico que não assistiu a enferma, ^{e que se guiou,} ~~apenas,~~ pelas informações do marido *da mesma;*

3º) Alertar o senhor delegado da possibilidade de ter sido criminosa a morte de dona Marfisa;

e 4º) Exigir daquela autoridade a abertura de um inquerito para apurar as verdadeiras causas da morte da infeliz senhora.

Narrador - Uma comissão composta do Padre Evaristo - párocho da localidade -, do Presidente do Club Recreativo União e Progresso e da Diretora do Grupo Escolar, foi incumbida de procurar o Delegado e dar-lhe conta das resoluções tomadas na assembleia da Botica do Quintana. O Delegado, que também não via com bons

olhos aquela arrogante superioridade sempre demonstrada pelo professor Tobias, sorriu satisfeito esfregando as mãos nelpudadas e se dirigiu aos emissários com uma expressão estranha nos olhos astutos e pequenos:

Delegado - Não tem ir descansados que eu saberei tomar todas as providências e o caso está a exigir. Não pense ele que ha de ser fácil para o delegado de Estancia da Palha. Não pense ele. Os que não passar rasteira no baixinho aqui, cairão no chão a qualquer hora se cairão!

Narrador - Depois de amoqueado e tirado a sua costumeira sésta, o Delegado mandou preparar a charrete e bateu-se para a colina onde estava a chácara do Professor Tobias.

OPERADOR - CHARRETE PREPARADA.

Narrador - Estava uma tarde húmida e cinzenta. O caminho não era fácil e a charrete gastou bem um quarto de hora para conseguir vencê-lo. Chegando a portão principal da chacara a charrete parou... (segue a narração sem parar)

OPERADOR - PARA A CHARRETE. SUSPENDE O RUIDO.

... e o delegado saltou, incontinentemente. Dirigiu-se à porta do enorme casação - que estava encostada - e em poucos momentos estava à frente do professor. Este se levantou dignamente para cumprimentar o recém vindo.

Tobias - Senhor Delegado...

Delegado - (seco) Boa tarde.

Tobias - Boa tarde. O senhor veio cedo demais. A saída está marcada para as cinco horas, somente.

Delegado - Não vim para a "saída", professor Tobias. Vim para ter uma conversa com o senhor exatamente "antes da saída."

Tobias - Pois não. Estou às suas ordens. Quer sentar aqui mesmo?

Delegado - Não. A presença da morte sempre me causou um certo constrangimento e eu prefiro estar à vontade.

Tobias - Perfeitamente. Podemos passar então ao meu gabinete.

Narrador - Os dois homens cruzaram com passo lento o "hall" extenso e o delegado, relanceando os olhos ágeis e pequenos pelo esquadro fe da morta, pode ver que ela estava vestida como para um baile, toda em renda azul noite e com um ramo de pequenas papoulas amarelo canário, rematando o decote. Não havia velas acêsas e nem a imagem de Jesus crucificado à cabeceira da ~~MORTA~~ defunta. O grande lustre de cristais estava com todas as suas lâmpadas acêsas e não haviam outras flores que não fossem algumas rosas ^{vermelhas} num vaso de faiança antiga, que estava sobre um consolo de mogno, à frente de um grande espelho veneziano. Os dois homens entraram no escritório, sentaram-se e o Delegado falou...

Delegado - A minha missão à sua casa, professor Tobias, é a de esclarecer a causa-mortis de sua esposa.

Tobias - (extranhando) De esclarecer a causa mortis, diz o senhor?

Delegado - Exatamente.

Tobias - Não compreendo. Parece-me que ela está perfeitamente esclarecida no estado de óbito assinado pelo doutor Mourão.

Delegado - Pode estar "perfeitamente", mas não "suficientemente" esclarecida; como para?

Tobias - Compreendo. O senhor está insinuando coisas grandemente ofensivas ao meu nome e à minha dignidade.

Delegado - Estou apenas ciente do meu dever, professor. Sou a autoridade responsável pela segurança e pela tranquilidade dos moradores dêste lugar. O senhor sabe disto.

Tobias - Sei, mas o que não compreendo é no que possa ~~em~~ ^{ter} ameaçado a segurança e perturbado a tranquilidade dos moradores a que o senhor se refere.

Delegado - Estão todos alarmados e desconfiados com a súbita ~~XXXXXXXXXX~~ e misteriosa morte de sua esposa. Tão alarmados e desconfiados que ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ chegaram ao ponto de se constituírem em comissão e procurar-me, na delegacia, exigindo providências, as mais severas, no sentido de aclarar as suas dúvidas.

Tobias - Mas é incrível!... É fantástico o que o senhor acaba de me revelar!... Mas então essa gente teve a ousadia de levantar uma suspeita dessa natureza em torno do meu nome?!... Mas e o meu passado? Não tem nenhuma significação, nenhum valor, nenhuma importância ^{para eles} maneira correta e digna como ~~eu~~ sempre me portei?

Delegado - Eles alegam, aliás com justa razão, que nada sabem da sua vida passada.

Tobias - Homem! Eu vivo aqui em Estancia da Palha há ^{*Quarenta e seis!*} quasi trinta anos. E vivi sempre às claras. A minha casa esteve sempre aberta para todos aqueles que quizeram nos visitar. Então isso não basta? Trinta anos, senhor delegado, já é algum tempo; não lhe parece?

Delegado - Para quem tem mais de sessenta, é menos da metade da vida. Já não é toda uma vida. Não se sabe os primeiros trinta e poucos anos como foram vividos e onde.

Tobias - Pelo que ~~eu~~ vejo... também o senhor está fazendo côro com ~~a desconfiança dos outros? Isso gente?~~

Delegado - ^{*Qua vez amigo?*} Toda a razão do sucesso da minha carreira, ~~meu amigo~~ foi essa desconfiança que eu trago sempre ^{*em mim*} contra tudo e contra todos. Confio ~~sempre~~ desconfiando e digo como São Tomé: eu quero ver... para crer. Se nos ~~quasi~~ trinta anos que o senhor vive aqui, quasi nada nos deu a observar; que vamos ^{*ver*} dos trinta e poucos que viveu longe? ~~Quasi nada, ou melhor~~ absolutamente nada.

a capacidade de vencer a minha resistencia e poderem vasculhar, um por um, todos os recantos da minh'alma, para saberem o que eu sinto, o que eu penso, como procedo, para depois alardearem por toda a parte o juizo que se acham no direito de fazer a meu respeito. E como são incapazes de viver uma vida mais reta e mais pura, não querem admitir que alguém possa ter a força e a coragem de vivê-la. É forçoso que encontrem uma desculpa para a sua derrota e onde vão buscá-la? Na coisa que um homem do meu estofa moral seria capaz de praticar? Isso é insidioso! É pérfido! É abominável!...

Delegado - Ouça, senhor Tobias: não me cabe, agora, ouvir as razões da sua revolta; cumpre-me apenas parecer uma dúvida e é para isso que estou aqui. O senhor me contar, detalhadamente, a doença e a morte de sua esposa, se possível, prová-las.

Tobias - Minha esposa e eu casamos há muitíssimos anos e não fôsse a vida calma e reclusa que fazia, há muito que teria deixado de existir.

Delegado - Bem, mas... ainda assim, o senhor parece que não se abateu muito com a morte dela, não é verdade?

Tobias - Não me abati, realmente. Para que fingir?

Delegado - E por que? Não viviam bem?

Tobias - Na mais perfeita harmonia. Amamos-nos toda uma vida e toda uma vida nos dedicamos um ao outro.

Delegado - Mas como explicar, então, a sua excessiva coragem diante de uma separação que sabemos ser eterna e essa sua extravagância de classificar de "festa" o espectro terrível da morte?

Tobias - Porque ela foi realmente uma festa para a minha esposa, como também o será para mim no dia em que me chegar.

Delegado - Não entendo. Que quer o senhor dizer?

Tobias - Que quando a vida é um inferno de sofrimento, de torturas, de humilhações e lembranças crudelíssimas e quando sentimos a dôr constante de uma ferida que sangra sempre e que o tempo não consegue fazer sarar... a morte se nos torna uma libertação, um bálsamo, uma vitória, uma festa, enfim, para os nossos corações cansados de pulsar, e de sofrer, ansiosos de paz e de silêncio. (Pausa e tom)
Tão ansiosos vivíamos nos dois por esse momento que quando pude verificar que a minha Marfisa já não respirava mais, cheguei a sentir inveja dela por um instante. Momentos depois, lembrando-me que ela estava finalmente liberta dos sofrimentos e das desilusões desta vida terrível, foi tão grande, tão intensa a minha alegria que não houve lugar nem tempo para pensar em mim mesmo, na solidão e no abandono em que eu passaria a viver. Ela estava livre, finalmente, dos pesados grilhões das dôres físicas e morais que a vida lhe havia imposto e isso, para mim, era motivo de uma alegria suprema e infinite! Era uma festa para o meu coração. (Pausa e tom) Pense o senhor como quiser. Pensem todos o que entenderem, mas eu estou feliz e isso me basta. Feliz, sim! Infinitamente feliz, porque a minha Marfisa abandonou a treva e o desconsolo para viver no mundo de cristal da luz eterna. Que vai fazer agora? Acusar-me? Prender-

me? Qual o meu crime? Pensar de maneira diversa à dessa gente mesquinha e indiferente? Pois faça o que entender, ouviu? Já falei demais e não lhe darei mais nenhuma explicação. Volto para junto do corpo de minha esposa que dentro de quarenta minutos deverá deixar esta casa para ser sepultado.

Delegado - Não, meu amigo, ele não sairá sem que o medico venha fazer o exame das visceras para que fique amplamente comprovada a morte natural e salvaguardada a minha responsabilidade no caso.

Tobias - O que foi que lhe disse? Pretende mandar fazer um exame nas visceras de minha esposa?!...

Delegado - Exatamente. Vou chamar agora mesmo o medico legista.

Tobias - O senhor não pode estar dizendo isto a sério. Não acredito. Não posso acreditar.

Delegado - Compreenda, prove a Tobias: eu não posso deixar de cumprir com o meu dever. Vim aqui para pedir-lhe explicações... provas... o senhor se nega a fornecê-las. O que me resta fazer? Lançar mão dos poderes que a lei me confere para obtê-las.

Tobias - Mas pelo amor de Deus! Não lhe basta a minha palavra? Que mais quer?

Delegado - Provas, já lhe disse. A menos que a sua palavra convence, a autoridade dela é insuficiente. Portanto, meu amigo, não me resta outra alternativa senão embargar a saída do féretro e mandar vir o medico legista para proceder ~~me~~ a um exame no cadaver.

Tobias - Não, não e não! Eu não consinto, entende?

Delegado - Terá de consentir. Por bem ou por mal.

Tobias - (gritando) Já lhe disse que não consinto.

Delegado - Não importa o seu consentimento. Eu jamais me afastei do meu dever e ele será cumprido a qualquer preço.

Tobias - (suplice, voz quasi embargada) Mas por que não me acredita? Por que insiste em perturbar a tranquillidade de um acontecimento que encheu de júbilo a minha alma triste e sofredora? Por que essa perversidade tão grande de destruir a alegria de uma festa que foi única nesses últimos trinta anos de minha existencia? Por que, Senhor? Por que?

Delegado - Porque eu preciso salvar a minha responsabilidade. O senhor não compreende isto? Preciso conhecer os antecedentes da sua vida progressiva para poder definir, com maior propriedade, se o senhor é culpado ou inocente.

Tobias - Quer dizer então que si eu lhe contar ~~exatamente~~ toda a minha vida até o momento em que vim ter à Estancia da Palma o senhor abdicará da intenção de violar o cadaver de minha esposa?

Delegado - Bem... pelo menos eu estarei mais apto a julgar dos motivos que lhe possam conceder o direito de considerar a morte ~~uma~~ festa.

Tobias - O senhor me fará recordar o que em trinta anos procurei esquecer e terá, de igual modo, perturbado esse instante de tão grande significação para mim. Em todo o caso, entre lembrar de um passado infeliz ou sofrer o constrangimento de ver perturbar a tranquillidade da minha Marfisa... eu escolho o primeiro. Sente-se... e ouça-me.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA ABERTURA DO 2º ATO.

Tobias - A minha historia, senhor delegado, se resume no seguinte: nasci e fui criado em Paiol Grande, uma pequena vila muito distante daqui e que eu queria ser sincero, nem saberei mais dizer com precisão onde é que eu sou, tanto procurei me afastar dela... e arrancá-la da minha lembrança... pudera! Os tormentos que me assaltaram naquela terra me fizeram desejar ao meu pior inimigo. Sabe lá o senhor o que é querer vir do nada e conseguir, com o seu proprio esforço e com um trabalho honesto, fazer de si mesmo alguma coisa, estudar, se fazer ganhar fama, respeito e prestígio, e depois de ter tudo isto, cair, rolar, pela maldade dos outros, à lama das sargetas e ver-se escorrecado como um cão imundo? Se não sabe... não queira saber nunca o que isto é. É horrivel, meu amigo, é horrivel.

Delegado - Acredito, sim, mas... temos os fatos que não temos muito tempo a perder.

Tobias - Pois bem, procurarei ser sucinto, mas gostaria de começar do principio, já que o senhor quer saber tudo.

Delegado - Está bem, comece de onde quiser, contanto que seja breve.

Tobias - Minha mãe era camareira de um pequenino hotel de Paiol Grande e lutava com tremendas ^{difficuldades} dificuldades, o que me obrigava a procurar ajuda-lhe nas suas despesas. De manhã ^{eu frequentava o} ~~lembro~~ Grupo Escolar e à tarde empregava a minha atividade como engraxete, na pequenina e única praça ^{que por lá existia} ~~que por lá existia~~. Eram poucos os que andavam calçados e menos, ainda, os que se davam ao luxo de limpar as botinas e assim a minha renda era diminuta e por vezes nenhuma. Empreguei-me, então, como mensageiro de uma agencia de loterias com o ordenado mensal de vinte mil reis. De lá, procurando sempre melhorar, passei a ajudante de copeiro num restaurant, depois caixeiro de loja e ao terminar o meu curso primário, fiz-me empregado de uma casa atacadista. Foi então que comecei a fazer o meu curso de ginásio à noite e por fim, com grandes esforços e sacrifícios, tornei-me professor e por fim diretor daquela mesmo ginásio onde me formara. Naquela tempo, eu já havia perdido minha mãe e me sentia terrivelmente só. Foi quando me casei com Marfisa e da nossa união nasceram dois filhos que eram todo o nosso encanto: Gilberto e Marilda. Nossos filhos cresceram, recebendo de mim e de Marfisa todo o carinho, todo o conforto e toda a assistência que nos era possivel proporcionar-lhes. Quando Marilda estava com dezeseis anos...

OPERADOR - ARPEJO

Marilda - O senhor queria falar comigo, papai?

Tobias - (moço) Sim, minha filha. Precisamos conversar muito seriamente.

Marilda - Ih, papai! O senhor está com geito de quem vai me passar um ca-
rão. Que foi que eu fiz?

Tobias - Sua mãe me contou, ontem, que você arranjou um namorado.

Marilda - Ah, então é isso? O senhor não acha natural que eu namore?

Tobias - Achamos um pouco cedo, minha querida. Você está, apenas, com dezo-
seis anos. Podia esperar um pouco mais.

Marilda - Do grupo das minhas amigas eu era a única que não tinha namora-
do e não sei se elas sejam mais velhas, porque todas regulamos
de idade.

Tobias - Bem, minha filha não é esse o ponto nevrálgico da questão.
Que você espere um pouco mais cedo, ou um pouco mais tarde, na
realidade não tem maior importância. O que importa é a escolha
que você ~~deve~~ *deve* fazer.

Marilda - A escolha? A escolha? O senhor não acha que o Celso seja
um rapaz excelente?

Tobias - A família é. Conheço-o-lhe os pais desde rapazote e nunca lhes cou-
be nenhuma censura ao rapaz, entretanto...

Marilda - (depois de pausa) O que é que tem ele?

Tobias - Tem, minha querida, que está com vinte anos e não quer outra cou-
sa que não seja passear, dançar e namorar. Não há dúvida de que
na idade dele essas coisas são muito agradáveis, mas um homem que
pretende ^{ser algo} ~~alguma coisa~~ na vida, busca sempre ocupar as suas horas
em coisas mais uteis, como, por exemplo, estudar ou trabalhar.
Os pais não são ricos e ainda que o fôsem não se justificava que
ele cruzasse os braços diante do futuro, mórmente pretendendo
casar-se, estabelecer um lar e naturalmente constituir família.
Bem sei que ainda é muito cedo para se pensar nessas coisas, mas
se me apresso a te falar nelas é para te abrir os olhos e precau-
ver-te contra qualquer cilada do destino. Do namorico sem impor-
tância, como presumo que seja o teu, pode nascer uma afeição com
raízes mais fundas e aí, então, apenas duas coisas se podem es-
perar: a renúncia, com o seu cortejo de angústias e de lágrimas,
ou o casamento que será o caminho certo e inevitável para a in-
certeza e a desilusão. Por isso, minha filha, eu quero te pedir
uma coisa: namora, se isso te agrada, mas por favor não te prendas
a esse rapaz. Além de que é muito cedo para que penses seriamente
nessas coisas, os prognósticos são terrivelmente sombrios e o pa-
pai deseja para ti, minha querida, uma vida de arminhos e de ro-
sas. (Pausa e tom) Espero que não te arreças comigo e que te-
nhas compreendido bem a minha intenção, minha filha.

Marilda - Compreendi, sim, papai. Compreendi perfeitamente a sua intenção,
mas acontece...

Tobias - (depois de pausa) O que?

Marilda - Q... que ^{o senhor se lembrou} ~~se lembrou~~ um pouco tarde para me trazer o seu conse-
lho. O "namorico sem importância" já se transformou naquela

"afeição com raízes mais fundas" de que o senhor falou há pouco, e embora a estrada que se apresenta aos meus olhos seja a das ^{incertezas} ~~das~~ ^{desilusões...} eu estou disposta a prosseguir por ela.

Tobias - Minha filha!

Marilda - Sim, pai. Eu e Celso nos amamos muito e ele já me falou em casamento.

Tobias - Não é possível! Como pode falar em casamento um rapaz que não é nada e não ~~alguma~~ ^{nenhuma?}

Marilda - Ele me quer procurar emprego e assim que o tenha conseguido do virá pedir o casamento.

Tobias - Minha filha, ~~ela~~ ^{de maneira} não tem necessidade de iniciar a sua vida pela estrada da ~~casamento~~. O período mais belo da nossa vida, o que mais nos empolga e encanta é aquele que ~~se segue~~ ^{se segue} ao casamento e que chamamos, com justa razão, a "lua de mel". Se nesse período tivermos qualquer preocupação, qualquer aborrecimento, uma dúvida, uma ~~inerteza~~ reserva, uma desconfiança, estarão empenhados o fulgor, a beleza, o encanto e a suavidade dos dias mais deliciosos e das horas mais ~~extasiantes~~ ^{extasiantes} que a vida nos oferece. Quem ainda não as viveu, como ~~eu~~ ^{voce}, não pode avaliar a maravilhosa dádiva que elas constituem, mas eu, que as vivi sei bem o que elas valem e a lembrança que deixam e por isso as desejo para ~~si~~ ^{si} você. Procure vivê-las, na certeza de que nunca se arrependerá; mas, vivê-las como devem ser vividas, com tranquilidade, com paz de consciência, e na mais perfeita harmonia com os seus sentimentos de moça virgem e filha obediente. Só assim você as viverá conscientemente e poderá sentir o verdadeiro gosto da vida.

Marilda - Ouça o senhor agora, papai: tudo isso que o senhor acabou de dizer é muito bonito, mas na vida prática não tem nenhuma aplicação. Talvez no seu tempo as coisas fossem assim, mas a verdade é que a vida mudou e hoje tudo é diferente. O que era bom e bonito na sua época, hoje chega a ser quasi ridículo. Hoje cada um vive como pode e como melhor lhe apraz e não deixa de fazer o que lhe dá gosto, simplesmente porque aos outros parece que ainda não está tudo no lugar próprio e que o tempo ainda não é chegado. Nós casaremos da melhor maneira que nos fôr possível e nem por isso deixaremos de viver os ^{mesmos} momentos deliciosos que uma lua de mel perfeitamente ordenada pode propiciar.

OPERADOR - ARPEJO.

Tobias - (velho, narrando) Eu ainda persisti muito no meu intento de demover a minha filha daquela ideia absurda de se casar daquela maneira, mas não houve argumento que ela não deixasse de refutar. Por fim, zanguei-me e lhe declarei, positivamente, que não concordaria em dar a minha permissão àquele casamento, e não ser depois que o rapaz tivesse se estabilizado na vida e mudado completamente o seu modo de agir. Marilda não pareceu ligar muito as minhas declarações e retirou-se de

minha presença sem nenhum sinal de se ter abatido ou mortificado. Transcorridos alguns dias, o rapaz, dizendo-se empregado numa companhia de seguros, apresentou-se em nossa casa para pedir a mão de minha filha em casamento. Neguei-a, está claro. Entregaria o senhor, de sua ciência, a sua filha a um rapaz sem eira nem beira e, além do mais, ordenado certo e sem nenhuma disposição ou atividade para o trabalho.

Delegado - Está visto.

Tobias - Pois bem, o que ela fez? Não me disse uma só palavra e continuou a viver normal dentro de casa, como se nada houvesse acontecido. Passados três dias não desceu para o café, na hora habitual. Uma hora minha velha subiu para saber o que havia e encontrou uma carta que o senhor mesmo vai ler.

CONTRA REGRA - ARRASTA CADEIRA. PASSOS SE AFASTAM. ABRE E FECHA GAVETA AFASTADA, PASSOS SE APROXIMAM.

Tobias - Aqui a tem. Pode ler.

Delegado - (lendo alto e afastando os poucos) Papai, diante da tua teimosia e intransigência, resolvi liquidar o nosso assunto pela maneira mais prática...

Marilda - (aproximando-se) liquidar o nosso assunto pela maneira mais prática. Não me procure pois vamos fugir para muito longe onde nos casaremos num recanto qualquer desta terra tão grande. Vamos em busca da felicidade que o senhor nos negou e que nós estamos dispostos a conquistar "a qualquer preço." Não me acuse de insensatez porque mais insensato foi o senhor que não me soube prender ao lado seu. Tenha a certeza de que estou, neste momento, muito mais feliz do que (afastando) estava, vivendo sob a sua guarda.

Delegado - (aproximando) ... do que estava, vivendo sob a sua guarda. Marilda.

Tobias - (depois de pausa) O que sofremos com esse atipismo de minha filha, não tentarei sequer descrevê-lo ao senhor, porque sei que não encontrarei palavras que sugiram a realidade daquela hora dolorosa e ~~inesquecível~~ inapagável. Sentimo-nos afundar no mágoa e na desolação. Foi como se tivéssemos amortalhado, ^{instante} naquele ~~hora~~, a nossa felicidade. Nunca mais rimos... nunca mais passeamos... nunca mais tivemos um momento de alegria ~~na~~ nossa vida. Fôra pesado demais o tributo que a fatalidade cobrara aos nossos corações extremosos, mas ainda não fôra tudo. Faltava-nos saber - e o soubemos dois anos mais tarde - que o rapaz ~~abandonara~~ ~~Marilda~~ não se casara com ela e que a abandonara em menos de dez meses, deixando-a na senda do vício e da miséria. Corri a procurá-la, crente de que, ao estender-lhe os braços, ela se atiraria neles, arrancando do âmago de sua alma soluços mais doloridos e sabe o senhor como ela me recebeu?

Delegado - Diga.

Aqui.

OPERADOR - Harpejo.

Marilda - (altiva) O que é que ~~XXXXXXXXXX~~ ^{o senhor quer} aqui?

Tobias - (moço) Vim trazer-te o meu perdão.

Marilda - Perdão (Gargalhada) Tem graça! Perdão de que? Dispensó a sua magnanimidade, ouviu?

Tobias - Está bem, minha filha, si achas que não tens do que ser perdoado, não fale mais isto. Vim buscar-te de volta para casa. Queres ao menos

Marilda - Para fazer ~~XXXXXXXXXX~~ naquelle buraco horroroso que vocês chamam de vila? Estou bem, senhor meu pai. Estou muito bem. Não preciso que ninguém se preocupe comigo ou que me lamente. Vivo como quero e não dou satisfação a ninguém.

OPERADOR - HARPEJO.

Tobias - (velho, narrando) Sei de lá arrejado e com a impressão de que o mundo, pela segunda vez, desabara sobre a minha cabeça. Tive pena de dizer a verdade a ~~XXXXXXXXXX~~ menti-lhe que não havia conseguido localizar a nossa filha. Não sei si ela deu crédito à piedosa mentira que lhe pregara, só sei que si já era triste, mais triste ainda ~~ela~~ se tornou dali para diante. E cinco anos vivemos imersos naquela desolação infinita, à espera de que o tempo contrizasse as feridas que a dor ~~XXXXXXXXXX~~ aguda havia produzido nas nossas almas. Nosso único consolo era Gilberto que, embora não fôsse o rapaz correto que desejáramos, não nos dera maiores desgostos e nos compensava, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ em parte, com sua presença, o abandono a que se haviam entregado os nossos corações. Mal sabíamos nós, naquelle tempo, que êle ainda viria nos ferir muito mais cruelmente do que nos ferira nossa filha. (TOM) Eu já disse ao senhor que era diretor do Ginásio de Paiol Grande; não disse?

Delegado - Disse, sim.

Tobias - Pois bem, eu tinha várias alunas moças, que regulavam de idade com a minha filha e às quais eu tratava com muito carinho mas com rigoroso respeito. Entre ela havia a Nana, uma morena alegre e bonita, dona de uns olhos e de uns dentes verdadeiramente maravilhosos. Um dia correu em Paiol Grande o boato do namoro de meu filho com ela. Fiquei preocupado e resolvi alertar o rapaz.

OPERADOR - HARPEJO

Tobias - (moço) Meu filho, ninguém melhor do que eu conhece essa moça e sabe que elle não é casamento para você.

Gilberto - Por que, papai?

Tobias - Porque é uma moça que gosa de excessiva liberdade com os rapazes seus colegas e é muito mal vista na sociedade pela sua maneira arrogante e destemperada.

Gilberto - Nana é, apenas, uma menina alegre e disposta, papai. Os que dizem mal dela não passam de creaturas que gostam de mexericos e se delixam levar pelas apparencias.

Tobias - Não, meu filho, aí é que você se engana e cabe a mim o dever de alertá-lo. ^{As mesmas liberdades} ~~que ele dá a você~~ que ele dá a você, como namorado, dá a qualquer rapaz que se aproxime dela com a intenção de desfrutá-la.

Gilberto - Não é verdade. E admira-me, papai, ~~que~~ o senhor, um homem que sempre tive na conta de respeitável e criterioso, ~~seja~~ ^{pareça} cômico com esses imbecis lindos e rudos que vivem a fomentar infâmias que não podem provar.

Tobias - Meu filho, bem mereço a conta em que me tens de homem respeitável e criterioso e em verdade o tenho sido sempre e se te digo que essa moçaninha é porque tenho certeza absoluta do que ora afirmo.

Gilberto - Como certeza absoluta? Eu gostaria que o senhor esclarecesse as razões dessa certeza.

Tobias - Não vale a pena, filho. Peço-te que creias na sinceridade das minhas intenções e ~~que~~ ^{prezentes} me obrigues a relatar-te baixeiras a que me furtei e que só serviriam para deixar-te humilhado diante de mim. Não ~~is~~ é isso o que eu desejo. Desejo apenas salvar-te.

OPERADOR - HARPEJO.

Tobias - (velho, narrando) Gilberto ainda insistiu para que eu ^{explicasse as razões} ~~explicasse as razões~~ das insinuações que ~~lhe~~ ^{me} havia feito, mas eu persisti na negativa e nada lhe esclareci. Ele se retirou da minha presença profundamente abatido e embora me cortasse o coração ver o seu sofrimento, intimamente eu me sentia satisfeito por acreditar que conseguira salvá-lo. (Pausa e tom) À noite, estava eu corrigindo umas provas no meu gabinete, ~~deixando~~ quando ele interrompeu intempestivamente o meu trabalho.

OPERADOR - HARPEJO.

Gilberto - (arquejante de ódio) Senhor meu pai...

Tobias - (moço, assustado) Que houve, meu filho? Você está pálido... trêmu-lo... Que aconteceu? Fale.

Gilberto - Eu preciso lhe dizer duas palavras, apenas. Das palavras que o senhor precisa ouvir porque si eu as contiver por mais tempo, acabarão por me queimar os lábios.

Tobias - Noto que você está nervoso e contendo uma grande revolta... Não sei o que a possa ter ocasionado, mas em todo o caso... fale.

Gilberto - O senhor é um canalha, meu pai.

OPERADOR - ACORDE AGUDO E TRÁGICO, SEM CORTAR.

Tobias - Como?!...

Gilberto - O senhor é um infâme!

OPERADOR - REPETE O ACORDE, SEM CORTAR.

Tobias - (abafado) Meu filho!...

Gilberto - Eu sei de tudo, ~~mas~~ ^{queria bem!} ~~mas~~ (Forte) Eu sei de tudo!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FIM DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA DO 3º ATO.

Tobias - (velho, narrando) Trêmulo diante de mim, com os olhos brilhantes de cólera e as mãos crispadas, na altura do peito, como se desejasse imortalizar contra mim e apertar-me o pescoço, meu filho repetia as mesmas palavras.

OPERADOR - HARPEJO

Gilberto - Eu agora não vou saber, ouviu? De tudo!

Tobias - (moço) Fala, meu filho? Fala, por Deus!

Gilberto - Naná me contou verdadeiros motivos porque o senhor se opõe ao nosso casamento. O senhor é um infame. Um canalha é o que o senhor é.

Tobias - Meu filho, suas palavras. Você está se excedendo.

Gilberto - E o senhor não terá se excedido, por acaso, quando desceu da sua dignidade de chefe de família e professor respeitável para se comparar ao mais vil e indigno sedutor?

OPERADOR - ACORDE AGUDO SEM COLOCAR.

Tobias - O que?!... O que foi que tu disseste?!... Sedutor, eu?!... (Pausa) Quem te meteu na cabeça semelhante absurdo?

Gilberto - Naná me contou toda a sua infâmia. Toda a sua baixeza de caráter. E só então pude compreender a razão porque o senhor se recusou a me dar explicações. Disse que não queria que eu me sentisse humilhado na sua presença, quando na verdade o que não queria era descer, diante de mim, do seu falso pedestal de homem digno e honrado. Mas agora eu sei que o senhor não é nada disso que aparenta ser. Agora eu sei que o senhor não passa de um abutre peconhento que se vale da inexperiência das suas jovens alunas para abusar da ingenuidade delas e roubar-lhes o que elas têm de mais caro, que é a sua pureza. Agora eu sei...

Tobias - (corta violento) Cala-te imediatamente! Não permito que continues a despejar sobre a minha dignidade esse amontoado de infâmias e de baixeiras. Não fosses tu meu filho e outra haveria de ser a minha maneira de te fazer calar. Como podes acreditar nas torpezas de uma desmiolada e duvidar da sinceridade do teu próprio pai?

Gilberto - Responda-me, então, por que motivo o senhor a reteve, por três noites seguidas, depois que todos os seus alunos já se haviam retirado?

Tobias - Eu não a detive. É mentira. Ela é que, alegando desejar explicações mais claras sobre certas passagens que ~~ela não havia compre-~~ ^{ela não havia compre-} ~~endido~~ bem, parou-se à minha frente de merceios e recuebros que só ^{mais} ~~noite~~ ^{noite} consegui compreender claramente. Queria entregar-se a mim em troca da elevação das suas notas, para ~~me~~ poder estar livre da preocupação dos exames.

Gilberto - É (irônico) E o senhor? Que fez? Mandou-a embora?

Tobias - Adverti-lhe seriamente sobre o seu procedimento, fi-la compreen-

*Segue
daqui*

der o preço altíssimo que se propunha a pagar por uma coisa fácil de ser conquistada dignamente e prometi-lhe que jamais abriria a minha boca para revelar, a quem quer que fôsse, o acontecido. Foi por isso que me neguei a te dar esclarecimentos sobre as minhas insinuações e si agora digo a verdade é porque vejo que essa moça está invertendo a origem dos fatos e pretendendo atirar sôbre mim uma indignidade que é totalmente sua.

Gilberto - O senhor é um homem muito cínico!

Tobias - Meu filho!

Gilberto - Saiba que eu não me importo numa só das suas palavras. Naná me contou o que houve então com todos os detalhes. E não foi agora que ela me contou, o senhor sabendo. Foi tão decente e tão sincera que quando eu estava em casamento recusou-me com lágrimas nos olhos confessando-se indigna de usar o meu nome. Ignorando que tivesse sido o senhor o causador da desgraça da pobre pequena, eu ainda lhe propuz a esquecer o sucedido e torná-la minha esposa, mesmo apesar do que lhe acontecera. Ela ainda relutou muito em aceitar a minha magnanimidade, mas ~~acabei~~ acabei por convencê-la. Ficamos noivos e iam casar, mas agora não posso, o senhor destruiu a minha felicidade porque levantou uma barreira imensa de repulsa entre mim e a mulher que eu amo.

Tobias - Meu filho, atende! Não te deixes cegar pelo amor de uma mulher que não te merece. Ela é falsa e eu juro como te disse a verdade!

Gilberto - (irônico) Sim? Diga-me uma coisa... (Pausa e tom) Conhece esta lapiseira?

OPERADOR - RAJADA AGUDA, SEM CORTAR A CENA.

Tobias - (extranhando) Como não hei de conhecer? É a minha lapiseira de ouro que eu julgava perdida! Onde a encontrou?

daqui -
Gilberto - Óra vamos! O senhor representa muito bem para aqueles que não o conhecem, mas para mim, que o conheço de sobra, a sua arte não chega a convencer. (ironia) Quer saber onde encontrei a sua lapiseira de ouro? Eu satisfarei a sua curiosidade. Foi a sua vítima quem m'a entregou.

Tobias - Você quer dizer... que ela estava em poder de Naná? Meu Deus! Até isso? Não é possível! Não é possível!...

Gilberto - Não é possível por que, si foi o prêmio que o senhor deu a ela depois de infelicita-la?

Tobias - (apavorado) Que horror!... Quanta baixeza!... Eu nunca seria capaz de imaginar que essa menina chegasse a deixar tanto!... Só agora começo a compreender o desaparecimento da minha lapiseira: com o nervosismo natural daquela cena que eu estava longe de imaginar, não me apercebi da sua falta sinão ao dia seguinte. Julguei que a houvesse perdido, mas a verdade era outra: ela m'a roubou!

Gilberto - Não lhe falta acusar de mais nada a pobre pequena, papai. Eu é que nunca imaginei que o senhor chegasse a deixar tão baixo. Mas o senhor

irá pagar bem paga a sua indignidade. Juro-lhe que pagará. O preço de haver destruído as minhas ilusões mais caras ha de ser tambem tão caro para o senhor, que o senhor há de se lembrar dele pelo resto da sua vida!...

OPERADOR - HARP

Tobias - (velho, arrando) E o preço foi ainda bem maior do que eu imaginei que pude ser. Meu filho, meu próprio filho, foi falar com a mãe daquela ~~coisa~~ convenceu-a de chamar-me a responsabilidade pelo crime ~~do~~ não.

Delegado - Que barbaridade!

Tobias - Mas isso ainda não é tudo, meu amigo.

Delegado - O que?! Será que ainda tem mais?

Tobias - Ouça e saberá como se encarregou de espalhar aos quatro ventos, em Paiol Grande, aquela infâmia deprimente e arrasadora. E as consequências não se fizeram esperar. Uma por uma, as minhas alunas foram deixando de comparecer às aulas, sob os mais variados pretextos, mas tão fúteis e vãos todos, que fácil era ^{através} advinhar deles, o motivo verdadeiro e imponderável. Embora eu me defendesse, com indignação e ~~com~~ veemencia, a maioria daquela gente, ávida de escândalos, se comprazia em esquecer o meu passado inatacavel para lamentar, hipocritamente, a minha fraqueza. Comecei a sentir-me só e desamparado. Até mesmo os meus amigos mais íntimos, aqueles que frequentavam a minha casa e sentavam-se à minha mesa, deixaram de me aparecer e esquivavam-se de falar comigo na rua. Fui demitido sumariamente do cargo de diretor do Ginásio e isso veio agravar ainda mais a minha situação, obrigando-me a lançar mão de reservas que possuía no Banco. Enquanto isso, o processo ia seguindo os seus ~~limites~~ limites legais e chegou, finalmente o dia em que eu seria julgado pelo crime que não cometera.

Delegado - E sua mulher, em tudo isso... o que é que pensava?

Tobias - O que pensava não sei. A verdade, no entanto, é que foi a única que não me abandonou. Tinha os olhos pisados das lágrimas choradas em silencio, mas dos seus lábios eu não ouvi, nunca, uma só palavra de dúvida ou de censura.. Nem mesmo quando o filho foi retirar de casa as suas roupas, dizendo-lhe que não podia viver sob o mesmo teto que um miseravel corruptor, foi ela capaz de deixar escapar uma queixa... ou uma acusação. Calava... e sofria. E finalmente, como já lhe disse, veio o julgamento. Ao sair de casa, para receber a sentença do meu destino, eu tremia como um menino medroso. O amplo salão da Sociedade Recreativa - onde se realizou o jury - estava completamente lotada. A pequena população de Paiol Grande parecia estar ali, inteira e ávida. Quando entrei naquele salão me senti alvo de todos aqueles olhares impiedosos e indiscretos. Não queira saber como me senti, meu amigo.

Delegado - Eu imagino. Deve ter sido, realmente, um momento difícil da sua vida.

Segue do juiz
[14]

Gilberto - Vejam como treme, o covarde. Treme de medo, por se ver apanhado nas malhas da justiça. Treme de medo, porque sabe que a justiça não deixará de castigá-lo.

OPERADOR - HARPEJO BREVE.

Tobias - (Velho narrando) Ouvindo meu filho interpretar de forma tão cruel as dolorosas reações da minha profunda mágoa, era como se visse, diante de mim, o próprio mundo, de dedo em riste, acusando-me como o mais bobo e o mais réles dos seus habitantes. Mas... ainda não chegara ao paroxismo da minha agonia. Havia mais, embora me parecesse que mais que viesse seria insignificante diante das injustiças que me haviam sido atribuídas. O Juiz perguntou ao meu filho que se baseava ele para acusar-me tão violentamente e foi quando o mundo desabou, inteiro, sobre mim.

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO.

Gilberto - Um pai que infelicita a própria filha e, depois, para inocentarse, expulsa-a da sua casa, atribuindo a outros o mal que ele mesmo praticou, é um monstro ao qual não se pode dar nenhum crédito e nem ter a menor piedade no castigo que se lhe deva aplicar. Esse homem é um infâme, senhor Juiz. Eu vi, "com os meus próprios olhos" o que ele fez à minha infeliz irmã. Por que então duvidar das acusações que lhe faz essa pobre moça indefesa?

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO.

Tobias - (velho, narrando) Ao terminar de ouvir essas palavras, uma nuvem escura cobriu-me os olhos e, por duas vezes, tive que me segurar com força aos braços da cadeira, para não cair ao chão, vergado pela vergonha e pelo desespero. Meu filho estava louco. Não podia ser de outro modo. Eu não podia compreender, nem admitir, que tanta maldade pudesse caber dentro de um só coração. Houve um princípio de tumulto por parte dos assistentes do jury e a guarda teve que se mover com rapidez e energia para contê-lo. Queriam linchar-me. Já nessa altura dos acontecimentos eu voltara ao meu estado de torpor inicial e de quasi nada me apercebi. Senti que havia sido condenado quando me vi entre as quatro paredes de uma cela húmida e fria. Nos dias de visita a minha Marfisa ia ver-me. Levava-me uma coisinha ou outra e chorávamos juntos. Três meses a dezenove dias permaneci naquele inferno até que os jornais divulgaram a morte, num conflito, do sedutor de ^{Nana} minha filha. Antes de morrer ele confessara a sua culpa, inocentando-me. Meu filho, roído de remorsos e desesperado com a injustiça que me fizera, desapareceu em poucos dias de Paiol Grande, deixando, por escrito, um desmentido das acusações que me fizera com respeito à infelicidade de sua irmã. Nunca mais se soube dele. Soltaram-me da prisão e eu, em poucos dias, abandonei para sempre aquele cenário de infelicidades onde vivi os piores dias da minha vida. Procurando um lugar modesto e distante instalei-me aqui e aqui fiquei à espera de que a morte viesse um dia apagar a mancha negra da minha vida.

Delegado - É bruta a sua historia, professor Tobias! Si é bruta!

Tobias - (velho, narrando) E foi a minha velha quem me disse, um dia...

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO.

Marfisa - Tobias, quando se vive como nós vivemos, sob o peso de tão grande infortúnio e marcados pelo estigma da adversidade, a morte é uma grande festa para a qual desejamos, ardentemente, ser convidados. (M) E quando isto acontecer, para mim ou para você, nenhum dos dois deve chorar a ausência do outro. Deverá servir de consolo, ao invés, a ideia de que o companheiro, ou a companheira, si sobreviver, estará livre deste inferno de ingratidão, de desalento, de angústias, de lutas inglórias, de baixezas e infâmias... de miséria sem conta. (Pausa) De nós, o que ficar, deverá se sentir aliviado por saber que o outro já não sofre mais. (TOM) E não deve chorar lágrimas, quando o momento chegar. O que sair primeiro, saiu para uma festa à qual o outro não faltará, em bora chegue um pouco mais tarde. Essa ideia será suficiente para apagar no espírito de qualquer dos dois o pavor pela presença da morte. (Pausa e tom) Como proceder assim, si eu fôr lembrada primeiro e receber, antes de si, o convite para essa festa?

OPERADOR - HARPEJO RÁPIDO

Tobias - (velho, narrando) Jurei. E disse-lhe mais: que daria dessa minha atitude, público testemunho. E aí tem o senhor, explicada, a razão dos termos do meu convite que ninguem pode compreender. E aí tem, também, ~~o relato~~ o relato completo dessa miseria terrível que se chamou a minha vida.

Delegado - É...

Tobias - Quer ainda, depois do que ouviu, mandar proceder ao exame nas visceras do cadaver de minha esposa?

Delegado - Que horas são?

Tobias - Dezesete horas, precisamente. (Pausa) E então? Que resolve?

Delegado (Pausa) Vou com o senhor acompanhar D.Marfisa a essa festa chamada morte.

OPERADOR - ~~PARA ENCERRAR O TOQUE PARA ENCERRAR O TOQUE~~ HARPEJO RÁPIDO

Narrador - Quinze minutos depois, o professor Tobias, o Delegado de Estância da Palha, um velho chacareiro, visinho da morta e o pároco da localidade, subiam lentamente a colina do cemitério, conduzindo o ataúde de D.Marfisa. E coisa estranha... (o narrador não para)

OPERADOR - BOTA EM FUNDO SINOS REPICANDO FESTIVAMENTE.

... os sinos da capelinha da ~~aldeia~~ ^{aldeia} ao em vez do toque lúgubre de finados, repicavam festivamente, como se assinalassem, realmente, naquele instante, o início de uma grande festa!...

OPERADOR - LEVANTA OS SINOS EM FUNDO, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAR.

DISTRIBUIÇÃO:

Narrador.....	Amilton Fernandes
Voz.....	Moacir Ribeiro
Delegado.....	Darcy Fagundes
Tobias.....	Roberto Lis
Maria.....	Mariza Fernanda
Gilberto.....	Salimen Junior
Marfisa.....	Nina Rosa